

A Distância Entre Civis e Militares Não Precisa Tornar-se um Abismo

Ike Skelton

Este artigo foi originalmente publicado na revista *Joint Forces Quarterly* (1st Quarter 2012).

QUANDO OS ESTADOS Unidos da América (EUA) conquistaram sua independência da Grã-Bretanha, seu povo adquiriu uma desconfiança com relação a manter grandes efetivos militares permanentemente mobilizados, postura que perdurou por boa parte da história do país. Ela foi codificada na Seção 8, do Artigo I da Constituição, que confere ao Congresso poder para organizar e manter um exército, mas limita a destinação de recursos para sua manutenção por rigorosamente dois anos. De 1776 à Guerra da Coreia, sempre que precisou, o governo estadunidense chamou seus cidadãos a pegar em armas e combater. Depois do término de cada guerra, o país reduzia as Forças Armadas, restituindo-as aos níveis de tempo de paz, e os militares voltavam para a vida civil, tal como fez George Washington, depois de liderar o Exército Continental contra as tropas britânicas. As exigências da Guerra Fria, durante o século XX, mudaram esse esquema de ampliação/redução de efetivos, levando à manutenção de grandes Forças permanentes e ao serviço militar obrigatório em tempo de paz.

Em 1973, com o término do conflito no Vietnã e com a grande aversão do público dessa época ao serviço militar obrigatório, foi promulgada a lei que estabeleceu a “Força Totalmente Voluntária” — um evento que teve impacto nas relações civis-militares. Essa nova Força seria composta totalmente de indivíduos que optassem por servir ao país na paz e na guerra e que enxergassem o serviço militar como uma carreira, e não como um emprego temporário. É fato, porém, que até então

o serviço militar obrigatório havia proporcionado uma ponte entre os militares e a sociedade. A maioria dos conscritos acabava retornando às suas carreiras civis tendo experimentado um pouco da vida e da missão dos militares, o que possibilitava melhor transmissão à população em geral sobre o que são as Forças Armadas.

A ideia de cidadãos-soldados não é algo exclusivo dos EUA. Em 1957, a Alemanha Ocidental introduziu o serviço militar obrigatório, que permaneceu em vigor até junho de 2011. Recentemente, um porta-voz do Ministério da Defesa da Alemanha declarou que “desde o início, o serviço militar obrigatório foi visto como um meio constitucional de evitar o militarismo do passado, com a criação de ‘cidadãos de farda’, visando a conectar as Forças Armadas ao resto da sociedade. Todos tinham de servir”¹. Sem o serviço militar obrigatório, o elo entre os militares e a sociedade poderia se enfraquecer, já que um número menor de civis chegaria a

Cabe à liderança política explicar ao público o que as Forças Armadas estão fazendo e qual é a importância disso.

servir como militares temporários. A maioria dos estadunidenses não precisa mais se preocupar com a possibilidade de que parentes ou amigos sejam obrigados a alistar-se. E, dessa forma, é provável que não sintam que as Forças Armadas tenham qualquer impacto sobre suas vidas.

Ex-deputado federal pelo 4º Distrito Congressional do Estado de Missouri, EUA, Ike Skelton é Professor Convidado no Instituto para a Ética e Liderança na Segurança

Nacional, da National Defense University. É advogado sócio da Husch Blackwell LLP, em Washington, D.C.

Os militares constituem um subconjunto da sociedade. Embora continuem sendo cidadãos, seus integrantes possuem alguns valores diferentes, como o senso de dever, de contribuição para algo maior, de serviço ao país e de liderança. Além disso, a eles são impostos padrões mais elevados em termos de coragem física, em tempo de guerra. A sociedade admira os civis que agem com bravura sob pressão, mas, para militares, esse comportamento é *exigido*. Essa diferença de valores, conhecimentos e experiência, é algo inerente ao sistema, não sendo algo prejudicial, por si só. Contudo, um afastamento maior entre a sociedade e os militares poderia acarretar graves consequências para estes últimos, à medida que as duas partes tivessem dificuldade em se comunicar e se entender. O colunista Richard Cohen descreveu bem essa situação ao propor que a Força composta apenas de voluntários “possibilita que [os EUA] combatam em guerras em relação às quais o público em geral é, em grande medida, indiferente”². Assim, é de interesse para todo estadunidense zelar e

manter boas relações civis-militares, a fim de garantir que as Forças Armadas contem com o apoio do povo ao conduzirem operações em seu nome. Entretanto, boas relações, por si só, não possibilitam alcançar esse fim, e a realidade é que eventos turbulentos da última década afetaram ainda mais esse relacionamento. Cabe à liderança política, representada pelo Comandante em Chefe e pelo Congresso, explicar ao público o que as Forças Armadas estão fazendo e qual é a importância disso.

É preciso compreender três pontos fundamentais quanto ao atual estado das relações civis-militares nos EUA. Primeiro, a distância entre civis e militares está crescendo e se agravando. Segundo, ambos os grupos são responsáveis por isso. Militares e sociedade contribuíram igualmente para seu surgimento e ampliação, e cabe aos dois lados reduzi-lo. Terceiro, há medidas que cidadãos — militares e civis — podem tomar para iniciar uma transformação em seus respectivos lados, para preparar o terreno para relações civis-militares mais próximas, no futuro.

CFN dos EUA, Rhonda L. Martin



Michelle Obama promove campanha nacional para apoiar e homenagear militares e suas famílias.



Oficiais do alto-comando da Força Aérea dos EUA prestam depoimento sobre o orçamento do exercício fiscal de 2012 perante o Comitê de Apropriações do Senado.

Como Reduzir o Distanciamento

O distanciamento entre civis e militares atraiu a atenção dos oficiais mais antigos das Forças e de observadores bem informados. O Almirante Michael Mullen, ex-Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, abordou essa questão em vários discursos e artigos, assim como no congresso sobre profissionalismo militar realizado pela National Defense University, em janeiro de 2011. Ele lembrou que “nosso público, nossa base, nossas autoridades: tudo o que somos e tudo o que fazemos vêm do povo estadunidense. Não podemos nos dar ao luxo de perder a sintonia com ele”³³.

Dados estatísticos deixam em evidência a raiz do problema: menos de 1% dos estadunidenses está atualmente servindo nas Forças Armadas. Dos que não chegam a servir, apenas uma fração minúscula tem alguma conexão com os militares, por meio de parentes, amigos ou colegas de trabalho. Na época do alistamento obrigatório, uma amostra mais representativa da sociedade ingressava nas Forças Armadas. Assim, indivíduos que não teriam escolhido servir, por conta própria, puderam experimentar a vida militar e levar essa experiência para a carreira civil. Atualmente, é possível que civis

que não conheçam ninguém que tenha servido às Forças Armadas sintam-se desconectados delas, por não as entenderem — o que fazem e como suas vidas são afetadas pelo que fazem. Como afirmou Cohen: “A Força Totalmente Voluntária possibilitou que os EUA fossem a duas guerras sem que vários de seus cidadãos chegassem a conhecer alguém que houvesse morrido ou, no mínimo, combatido no exterior”³⁴. Isso decorre, em geral, da mentalidade de que, quando o país entra em guerra, as Forças Armadas serão encarregadas, não havendo necessidade, portanto, de que os civis comuns se interessem ou ofereçam suas contribuições para assegurar o êxito no combate.

Além disso, o ritmo e as exigências operacionais da vida castrense restringem o tempo disponível que os militares têm para interagir com a sociedade em geral. Isso reduz a oportunidade para que civis e militares forjem laços pessoais, que possam estimular a comunicação e o entendimento entre eles. A Guarda Nacional e o Componente da Reserva são integrados por homens e mulheres que são empregados a serviço do país — e com frequência, múltiplas vezes — e que depois retornam para suas carreiras civis. Considerando

que possuem envolvimento inerentemente maior na sociedade civil, os integrantes do Componente da Reserva representam, hoje, a melhor “ponte” entre os dois lados.

A existência dessa “distância”, porém, nos indica que devemos continuar nos preocupando com uma potencial crise nas relações civis-militares, como indicada por um estudo de 1999, realizado pelo Triangle Institute for Security Studies⁵. Seus autores, Peter Feaver and Richard Kohn, previram que, se a distância entre as partes continuasse a aumentar, os militares acabariam desenvolvendo uma cultura distinta da sociedade em geral.

A falta de comunicação e de entendimento entre os militares e a sociedade poderia ser prejudicial às Forças, já que, em tese, resultaria em menor apoio para guerras em curso, que, segundo Richard Cohen, é o que estamos testemunhando na atualidade. Menor apoio do público ao esforço de guerra, em meio a crescentes dificuldades econômicas, pode levar a reduções no orçamento de defesa, a maior

difficuldade em recrutamento e manutenção de efetivos e até mesmo a cortes em benefícios, pessoal, treinamento e equipamentos. À medida que o público estadunidense for se desconectando dos militares, ficará menos disposto a conceder total apoio às suas iniciativas. Uma das lições do Vietnã é que é difícil — talvez impossível — sustentar um esforço de guerra sem a compreensão e o apoio ativo da população.

O crescente distanciamento nas relações civis-militares pode ter impactos negativos sobre a manutenção de efetivos, tanto em termos de qualidade quanto de quantidade. Muitos dos indivíduos mais talentosos podem decidir deixar as Forças antes do que pretendiam, se acreditarem que seu trabalho árduo, dedicação e serviço não estão sendo valorizados pela sociedade. E haverá perda de qualidade para as Forças Armadas caso elas não consigam atrair e reter pessoas que sejam altamente inteligentes e qualificadas, que estejam motivadas. Esse ainda não é o caso, mas é preciso permanecer em alerta.



Departamento de Defesa, Cherie Cullen

Sgt Salvatore Giunta, primeiro militar estadunidense, desde a Guerra do Vietnã, a receber a Medalha de Honra em vida.

A possibilidade de que isso ocorra ressalta a importância de se começar a lidar com o problema, porque essa tendência preocupante não poderá ser interrompida ou revertida sem que se vá à sua fonte. Com a aproximação do término dos atuais conflitos e até uma ligeira redução na estrutura da força, aliadas ao crescimento da população, a porcentagem de estadunidenses voluntários para a carreira militar diminuirá. Assim, a sociedade ficará ainda menos propensa a demonstrar aos militares o respeito e a gratidão que merecem.

Isso leva ao segundo ponto fundamental. Há duas partes envolvidas nesse distanciamento, e ambas precisam ser analisadas para que se possa entender o problema. Em consequência, há trabalho a fazer por ambos os lados para reduzir a lacuna existente.

Atualmente, muitos integrantes das Forças Armadas estão esgotados, particularmente no Exército. O envolvimento nas guerras no Iraque e no Afeganistão, na operação na Líbia e nas várias atividades de ajuda humanitária deixou

as Forças sobrecarregadas e estressadas. Os militares estão passando muito tempo fora do país, ficando fisicamente desconectados da vida nos EUA. Ao retornarem, o necessário apoio aos que estão servindo no exterior não lhes alivia a carga — justamente quando estão procurando pôr em dia a relação com suas famílias. Assim, as oportunidades para que interajam com civis são limitadas pelas demandas da vida castrense. Os militares do Componente da Reserva não costumam enfrentar tantas dificuldades nessa interação. Contudo, como muitos deles estão optando em permanecer no serviço ativo, as exigências da vida militar estão começando a afetá-los também.

A fadiga dos integrantes das Forças Armadas é agravada pela opinião pública cada vez mais negativa em relação às guerras nas quais os EUA estão envolvidos. A atitude do público não é simplesmente algo abstrato. Ela pode exercer forte impacto sobre os soldados, individualmente. Os militares podem passar a não acreditar que a sociedade se importa com seus sacrifícios.

Força Aérea dos EUA, Adrian Cadiz



Militares aguardam desembarque de aeronave C-130, na qual retornaram da Operação New Dawn, no Iraque.

Esse sentimento pode ser intensificado pelas demandas por cortes no orçamento de defesa. A crença de que seu serviço não é valorizado pode levar indivíduos a se afastarem ainda mais da sociedade civil e a buscar a companhia de

As oportunidades para que interajam com civis são limitadas pelas demandas da vida castrense.

seus irmãos de armas, *que os entendem*. Esse problema não é novo. Foi visto depois da Guerra do Vietnã. À época, houve muitos militares que adotaram a seguinte postura: “se eles não se importam conosco, não nos importamos com eles”. Os militares precisam fazer um esforço consciente para não acabarem adotando essa mentalidade. Isso prejudicaria o moral das tropas e intensificaria o problema.

De seu lado, a sociedade estadunidense tem a responsabilidade de se empenhar em reduzir a distância. O sentimento entre os militares, de que não são valorizados, decorre do fato de que grande parte da população não lhes dá o devido reconhecimento. Predomina a mentalidade “longe dos olhos, longe do coração” em relação aos militares — semelhante ao sentimento da sociedade britânica em relação às suas Forças Armadas no final do século XIX. Rudyard Kipling o captou bem no poema “Tommy”:

*For it's Tommy this, an' Tommy that, an'
“Chuck him out, the brute!”*

*But it's “Saviour of 'is country” when the guns
begin to shoot.*

O problema do distanciamento entre civis e militares é algo que se autoperpetua. À medida que os militares passarem menos tempo envolvidos ativamente em suas comunidades, a

população estadunidense se tornará ainda mais desconectada deles e menos propensa a dedicar o tempo necessário para entendê-los. Os dois lados se alimentam um do outro, gerando um ciclo que precisa ser interrompido antes que se torne prejudicial tanto para as Forças Armadas quanto para a sociedade em geral.

Na pior das hipóteses, os dois lados desistiriam um do outro, o que nos leva ao terceiro ponto fundamental. Indivíduos de ambos os lados precisam ser proativos e agir, para que se tornem parte da solução. Caso nenhum deles tome alguma providência, a distância pode aumentar, transformando-se em um abismo. Há várias formas para que eles se comuniquem e se aproximem.

Sugestões para os Militares

Os oficiais e sargentos dão a cadência para seus subordinados. Essa é uma dimensão importante do ambiente de comando, frequentemente negligenciada. Esses militares em funções de comando melhoram o ambiente com seu exemplo. Se não dedicam tempo para se envolverem com a comunidade, tornam menos provável que seus subordinados façam disso uma prioridade. As palavras e as ações dos superiores refletem suas atitudes básicas, que, por sua vez, moldam as atitudes e as ações das tropas. Referindo-se à sociedade civil de modo negativo, estarão correndo o risco de reforçar posturas militares desfavoráveis ou indiferentes para com o público. Os oficiais e os sargentos devem dar a cadência, promovendo o respeito mútuo entre os militares e a sociedade.

Isso vem desde a Junta de Chefes de Estado-Maior até os escalões mais baixos. Seria bom se aos comandantes mais antigos, especialmente os oficiais-generais, fosse mandatário proferir um discurso em um fórum público, trimestralmente. Caso o contato com a sociedade civil seja definido como prioridade no alto-comando, os oficiais e sargentos dedicarão tempo para se envolverem nas comunidades e incentivarão ou exigirão que suas tropas ajam da mesma forma.

Os oficiais — especialmente os oficiais-generais — estão em boa posição para afetar a sociedade, porque *são* a liderança militar aos olhos do público. Caso vejam que oficiais estão tentando forjar laços mais fortes entre

[Tradução livre: “É Tommy isto, Tommy aquilo e/ ‘Livrem-se dele, esse bruto!’/ Mas é ele o ‘Salvador de seu país’ quando as armas/começam a disparar — N. do T.]



Força Aérea dos EUA, Camilla Griffin

Visitantes civis fazem fila para conhecer a cabine de um C-17 Globemaster III durante um show aéreo na Base Conjunta de Langley-Eustis, Estado da Virgínia.

os militares e a comunidade local, os cidadãos ficarão mais propensos a retribuir o gesto e a respeitar e a valorizar o trabalho realizado pelas Forças Armadas. Ao ser vista tentando aumentar a interação, a liderança militar transmitirá à comunidade civil a mensagem de que as Forças Armadas valorizam o cultivo de um bom relacionamento com a sociedade.

Há medidas que oficiais e sargentos podem tomar para iniciar a mudança, no lado militar. No início, é importante que estejam cientes do estado das relações civis-militares no âmbito local, onde estiverem servindo. Devem interagir com a comunidade de duas formas: primeiro, ao incentivar os militares a desempenharem um papel ativo na vida comunitária; segundo, ao convidar a comunidade para conhecê-los melhor. Para aumentar a presença dos integrantes das Forças na comunidade, os militares em funções de comando devem utilizar sua posição de autoridade para influenciar e incentivar as tropas a se envolverem de algum modo — seja filiando-se a um clube cívico, enviando os filhos para uma escola fora da base ou participando

de um time esportivo. O *tipo* de envolvimento é relativamente irrelevante. O que importa é que o público veja os militares e suas famílias como sendo integrantes ativos da comunidade. Os comandantes também devem empenhar-se em designar indivíduos motivados e carismáticos para papéis de ligação com a comunidade. Estes podem mostrar-se extremamente efetivos em desenvolver uma forte campanha de engajamento e ajudar os integrantes das Unidades a se envolverem.

Quanto a convidar a população para aprender mais sobre os militares, os oficiais em comando poderiam realizar alguns eventos abertos ao público, em seus respectivos quartelamentos. Poderiam ser eventos informativos ou cerimônias para homenagear as conquistas de indivíduos. A natureza exata dos eventos é de pouca relevância. O que importa é promover um sentido de inclusão entre os civis locais.

Outra forma de estender a mão à sociedade seria conceder períodos de licença maiores às tropas que retornam ao país após serem empregadas no exterior, determinando aos soldados que

voltem para suas cidades natais para falar sobre suas experiências. Essas palestras poderiam ser realizadas em escolas do ensino médio, reuniões públicas ou almoços em organizações cívicas. Feitas com clara demonstração do orgulho que sentem, essas visitas de militares poderão gerar maior compreensão e respeito e melhorar o nível de conhecimentos da maioria de civis, com respeito aos militares. Com essa solução viria um bônus: a oportunidade poderia ser, também, um facilitador à tarefa de recrutamento.

Sugestões para os Civis

O foco dos civis, na busca de aprimorar as relações com as Forças Armadas, deve ser o de convidar seus integrantes a participar da vida comunitária. Cada comunidade deve fazer esse esforço. Pode ser algo tão simples quanto convidar militares para falar sobre seu trabalho em escolas do ensino médio ou clubes. O convite para que se filiem a clubes cívicos os fariam sentir-se como integrantes bem-vindos da comunidade. Isso poderia desfazer a tendência do público de enxergar os militares

como um grupo distinto, desempenhando uma tarefa diferente e separada do resto da sociedade. Ajudaria indivíduos civis a compreender o papel que seu país vem desempenhando no âmbito internacional e a ver que as guerras e as iniciativas humanitárias, nos quais o país está envolvido, estão sendo conduzidas por cidadãos como eles. Isso permitiria, ainda, que o público visse o talento extraordinário que os militares exibem em seu trabalho.

As universidades poderiam aumentar a presença militar por meio do Programa de Formação de Oficiais da Reserva e do recrutamento. Isso mostraria aos militares que os encarregados por estabelecimentos de ensino superior valorizam sua presença e incentivam seus alunos a cogitarem ingressar nas Forças Armadas, ao término dos cursos. Esse seria um reconhecimento do serviço militar como uma legítima opção de carreira, a ser considerada por indivíduos instruídos e motivados. Levaria os alunos a perceber que as Forças Armadas não são uma entidade à parte, e sim um grupo de indivíduos que também foram civis um dia,



NDU, Katherine Lewis

O Almirante Mullen, ex-Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, durante sua apresentação ao congresso sobre a profissão militar, na National Defense University.



Exército dos EUA, D. Myles Cullen

Uma aluna do ensino médio fala sobre suas experiências no programa “Parceria para o Sucesso de Todos os Estudantes”.

antes de decidirem dedicar parte de suas vidas para servir ao país. Isso não só iria melhorar a reputação dos militares perante os civis, como também proporcionaria um universo maior de recrutamento, para que as Forças pudessem atrair oficiais e praças talentosos. Desde que a lei “*Don’t Ask, Don’t Tell*” (“Não pergunte, Não diga”) foi revogada, houve um aumento na presença do Programa de Formação de Oficiais da Reserva em universidades particulares. As Universidades Yale e Columbia acolheram de volta o programa, depois que o governo se propôs a eliminar a legislação discriminatória⁶. Esse é um passo na direção certa, mas os líderes civis devem continuar a defender a presença do programa nas universidades e de sua versão juvenil nas escolas de ensino médio em todo o país.

Há outros modos pelos quais os civis podem prestar apoio direto às tropas e suas famílias, e são muitas as oportunidades. Por exemplo,

podem doar verbas ou oferecer seu tempo e talento para ajudar entidades sem fins lucrativos que buscam melhorar a vida de militares feridos em combate ou para apoiar as famílias de militares empregados no exterior. Algumas organizações oferecem serviços e programas para militares que foram feridos em combate, alertando o público sobre suas necessidades e ajudando-os a se adaptarem à nova vida. Outras buscam possibilitar que civis demonstrem seu apoio aos militares que se encontram em serviço no exterior, às suas famílias e aos que estão retornando. Ser ferido em combate pode mudar para sempre a vida de uma pessoa. Os civis devem demonstrar sua gratidão por sacrifícios como esse, melhorando o atendimento dado a esses indivíduos e ajudando-os a obter acesso à educação e ao trabalho.

Em um jantar de homenagem aos ex-combatentes, o Almirante Mullen falou sobre a importância de cuidar dos militares feridos, explicando que:

É preciso que líderes em todo o país, que líderes comunitários se unam, para que nossos veteranos, que estão retornando e que oferecem tamanho potencial, sejam identificados... Eles têm um grande futuro para oferecer ao nosso país e devemos nos unir para assegurar que o futuro deles seja brilhante, pois é o que eles merecem e certamente podem alcançar⁷.

Com as doações e o voluntariado, a sociedade civil mostra aos integrantes das Forças Armadas que seu serviço e sacrifício são valorizados e que ela está empenhada em fazer com que recebam os cuidados e a ajuda de que precisam, para encontrarem empregos e viverem uma vida produtiva.

Contudo, não é preciso que os civis esperem até que haja militares feridos em combate para demonstrar sua compaixão. Existem várias organizações sem fins lucrativos que possibilitam que cidadãos “adotem” militares empregados no combate. Elas promovem o relacionamento entre militares registrados com alguns civis que se oferecem para prestar-lhes apoio, enviando-lhes cartas e itens para melhorar seu dia a dia, enquanto estiverem longe de casa. A proposta é que as tropas recebam correspondência de seu país continuamente,

o que faz com que se sintam apoiados pelos civis a quem servem. Isso poderia aumentar o respeito que os integrantes das Forças têm pela população civil, ao demonstrar que civis apoiam militares desdobrados com quem não tinham nenhuma ligação pessoal, anteriormente. A comunicação com os indivíduos “adotados” por meio de cartas e mensagens eletrônicas também pode aumentar a compreensão geral do público, porque oferece um modo para que se conheça o excelente trabalho e as provações enfrentadas pelos militares. Um ou mais militares poderiam ser adotados por uma família, um clube cívico ou uma sala de aula na escola. Isso possibilitaria uma conscientização e incentivaria que mais civis se envolvessem em apoiar ativamente os integrantes das Forças Armadas.

Outro importante modo pelo qual civis podem demonstrar apoio é ajudando as famílias das tropas durante o desdobramento. Algumas organizações fornecem assistência de emergência a famílias que estejam passando por alguma necessidade. Outras oferecem ajuda financeira, serviço de creche, consertos de carro, reparos domésticos, etc. Ao doarem para causas como essas, os civis mostram que estão prontos para ajudar as famílias dos militares durante sua ausência. Saber que estão cuidando de suas famílias pode tranquilizar os que estiverem em missão no exterior, permitindo-lhes concentrar-se no trabalho e na segurança, em vez de se preocuparem com problemas em casa. Outras organizações enviam cartões de telefone para militares no exterior que precisem de ajuda para ligar para casa. Algo tão simples quanto doar um cartão de telefone demonstra apoio às famílias militares, atenuando o sofrimento gerado por longos períodos de separação. Os civis devem lembrar-se que não são apenas os integrantes das Forças que estão se sacrificando — suas famílias também.

A iniciativa da Casa Branca, denominada “Unindo Forças”, apresentada pela Primeira-Dama dos EUA, Michelle Obama, e por Jill Biden, esposa do Vice-Presidente, fornece mais informações sobre como civis podem apoiar as tropas e suas famílias⁸. A iniciativa possibilita que se façam doações a entidades específicas, oferece um meio de comunicação com as tropas e suas famílias e permite que os civis tomem

conhecimento de organizações, em suas áreas, que se dedicam a apoiar as tropas.

O Papel da Mídia

Os jornalistas e a mídia integram um setor civil que pode ser especialmente influente na busca do aprimoramento das relações civis-militares, por oferecer um veículo para que os dois lados aprendam um sobre o outro. Muitos civis desenvolvem opiniões sobre as Forças Armadas com base nos jornais e nos noticiários da televisão. Assim, os jornalistas contam com uma capacidade única para informar e, portanto, moldar a opinião pública. Nas diversas cidades, a mídia costuma cobrir o papel dos militares nas respectivas comunidades. Essa é uma boa oportunidade para que as Forças Armadas destaquem as conquistas de seus integrantes, individualmente, e seu envolvimento na comunidade. Assim, em cidades onde há quartéis, a mídia mantém o público informado sobre o que as Forças Armadas fazem no local.

Mas e quanto à mídia em comunidades que não contem com uma presença militar? A mídia nessas cidades divulga algo sobre os militares? E se o faz, que tipo de reportagem é divulgado? Qual é cobertura da mídia quando

Os estadunidenses também devem considerar o papel que eles querem que suas Forças Armadas desempenhem no futuro.

moradores que façam parte da Guarda Nacional são enviados às operações no exterior? Existe uma conexão entre a cobertura de mídia e o que os moradores civis sabem sobre as Forças Armadas. Em áreas onde não há uma presença militar, os civis provavelmente não ouvem falar muito delas nem sentem impacto algum delas sobre suas vidas. Contudo, os oficiais podem utilizar a mídia em benefício próprio nessas comunidades. Um modo seria manter contato com redações de jornais, para informar os

meios de comunicação sobre o ótimo trabalho que vem sendo realizado por nossos homens e mulheres fardados.

Os militares só costumam aparecer nos noticiários nacionais quando há um grande êxito ou um grande fracasso. Contudo, a mídia dá grande atenção a reportagens de interesse humano, o que representa um canal para a conscientização do público com respeito a organizações e indivíduos dedicados a melhorar a vida dos ex-combatentes. Essa cobertura também pode destacar o que ainda precisa ser feito. Seria algo extremamente positivo se jornalistas de âmbito nacional fizessem maior cobertura de organizações que buscam ajudar os ex-combatentes e as tropas desdobradas e suas famílias. Isso conscientizaria o público sobre as implicações de longo prazo dos sacrifícios feitos pelos integrantes das Forças Armadas. Também estimularia civis a doar dinheiro ou tempo para apoiar essas causas.

Os estadunidenses também devem considerar o papel que eles querem que suas Forças Armadas desempenhem no futuro. A questão foi levantada pelo então Secretário de Defesa Robert Gates, em maio de 2011, ocasião em que ele urgiu cautela quanto a grandes cortes no orçamento de defesa. Afirmou: “Se vamos reduzir os recursos e o tamanho das Forças Armadas dos EUA, é preciso que as pessoas façam escolhas conscientes sobre quais serão as implicações para a segurança do país, assim como para as várias operações militares que estamos conduzindo em todo o mundo, caso missões de menor prioridade sejam reduzidas ou eliminadas”⁹. Cortes estão ocorrendo. Por isso, os civis devem considerar que grau de envolvimento em assuntos internacionais e que tipos de engajamento eles pretendem para as Forças Armadas. Devem dar conhecimento de sua opinião sobre essas importantes questões aos seus deputados e senadores, que são os líderes civis aptos a efetuar mudanças.

Cícero, famoso orador romano, declarou que a gratidão é a maior de todas as virtudes. Hoje em dia, o público talvez não demonstre aos militares toda a gratidão que eles merecem. A sociedade e os integrantes das Forças devem se entender melhor para que se possa estreitar a distância entre eles. A compreensão irá estimular o respeito e, assim, a gratidão. A sociedade deve ter maior

contato com as Forças Armadas, para obter um melhor entendimento. A falta de conhecimentos decorre, muitas vezes, da falta de comunicação e vice-versa. É nessa questão que os dois lados precisam tomar uma iniciativa. Ao estender a mão à comunidade, os militares podem melhorar a comunicação entre os dois grupos, aumentar a compreensão de seu papel e, por fim, levar a sociedade a valorizar mais as Forças Armadas e sua missão. Os civis devem acolher os militares em suas comunidades, apoiar organizações que cuidam das tropas e de suas famílias e assumir um interesse ativo na política e no orçamento de defesa.

As Forças Armadas dos EUA se originaram das milícias estadunidenses do século XVIII, formadas por voluntários que pegaram em armas para apoiar uma causa justa, sem abrirem mão de sua identidade civil. Os civis devem lembrar que é por causa da “Força Totalmente Voluntária” que os estadunidenses não têm mais a preocupação de que um marido, pai, irmão ou filho sejam convocados para o serviço militar obrigatório. Os militares devem respeitar os civis a quem se comprometem a servir, enquanto estes devem apoiar ativamente os que decidem servir, de modo que outros não precisem fazer tal sacrifício. População civil e militares devem lembrar-se de que as Forças Armadas são integradas por homens e mulheres que são, a um só tempo, soldados e cidadãos.**MR**

REFERÊNCIAS

1. COWELL, Alan. “The Draft Ends in Germany but Questions of Identity Endure”, *The New York Times Global Edition*, 30 Jun. 2011, disponível em: <www.nytimes.com/2011/07/01/world/europe/01germany.html?_>>.
2. COHEN, Richard. “A Stranger’s War”, *The Washington Post*, 4 Jan. 2011, disponível em: <www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2011/01/03/AR2011010304967.html?_>>.
3. MULLEN, Michael. Speech at National Defense University Conference on Military Professionalism, Washington, DC, 10 Jan. 2011, disponível em: <http://www.jcs.mil/speech.aspx?ID=1517?_>>.
4. COHEN.
5. FEAVER, Peter D.; KOHN, Richard H. *Civil-Military Relations Study*, Triangle Institute for Security Studies, disponível em: <www.sanford.duke.edu/centers/tiss/research/emr/civmilpublications.php?_>>.
6. HABERMAN, Clyde. “Renewed Respect for the Military”, *The New York Times*, 31 May 2011, disponível em: <http://cityroom.blogs.nytimes.com/2011/05/31/renewed-respect-for-the-military/?_>>.
7. MULLEN, Michael. Speech delivered at the “Stand Up for Heroes” dinner, Washington, DC, 16 Jun. 2011, disponível em: <www.jcs.mil/speech.aspx?ID=1619?_>>.
8. Joining Forces, disponível em: <www.whitehouse.gov/joiningforces?_>>.
9. GATES, Robert M. American Enterprise Institute Defense Spending Address, Washington, DC, 24 May 2011, disponível em: <www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1570?_>>.